JORNAL

Centro de Estudos LUIS GUEDES

Departamento de Psiquiatria e Medicina Legal da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Hospital de Clínicas de Porto Alegre
Agosto de 2017
Ano 28 • Nº 80

GESTÃO 2017-2019 NOVA DIRETORIA TOMA POSSE NO CELG

BLACK MIRROR – O ESPELHO NEGRO DA SOCIEDADE
PÁG 8

LION – UMA JORNADA PARA CASA
PÁG 10

"IMAGINEI ESSES SONHOS. ME LEMBREI NO NÃO-SABER"
PÁG 12

celg
Centro de Estudos Luis Guedes
www.celg.org.br
50 anos

SUMÁRIO

2 PALAVRA DA PRESIDENTE
3 DIRETORIA CIENTÍFICA
4 DIRETORIA ADMINISTRATIVA
5 DIRETORIA DE PUBLICAÇÕES
6 DIRETORIA DE ENSINO
8 TELEVISÃO – SÉRIE
10 CINEMA
12 LITERATURA
14 DIRETORIA DE DIVULGAÇÃO
15 DIRETORIA 2017-2019
16 FINAL DE GESTÃO

EXPEDIENTE

JORNAL DO CENTRO
DE ESTUDOS LUIS GUEDES
Cursos de Extensão e Especialização
em Psiquiatria e Psicoterapia
Hospital de Clínicas de Porto Alegre.
Rua Ramiro Barcelos, 2350 –
2º andar - Sala 2218.
CEP: 90035-903. Porto Alegre - RS.
Telefones: 3330.5655 / 3359.8416 / 3388.8165.
Site: www.celg.org.br.

DIRETORIA
Presidente: Ana Margareth Siqueira Bassols
(ambassols@gmail.com);
Diretor Financeiro: Lucas Lovato
(lmlovato@yahoo.com.br);
Diretor Administrativo: Fábio Wilhelms
(mwfabio@via-rs.net);
Diretor Científico: Daniel Spritzer
(danielspritzer@yahoo.com.br);
Diretora de Divulgação e Relações com a
Comunidade: Betina Kruter (bkruter@gmail.com);
Diretora de Publicações: Jussara Dal Zot
(jussaradalzot@via-rs.net);
Diretora de Ensino: Suzana Fortes
(suzanadfortes@gmail.com)

ADMINISTRAÇÃO
Assistente de Coordenação Administrativa:
Patrícia Lopes Azambuja
(plazambuja@hcpa.edu.br);
Bibliotecária: Maria Luiza Farias de Campos
(mcampos@hcpa.edu.br);
Auxiliar Administrativa: Cátia Silva
(crsilva@hcpa.edu.br).

JORNAL - jornal@celg.org.br
Editoras do Jornal: Betina Kruter, Candice
Campos e Mariana Almeida
Revisão: Flávio Lerner
Jornalista Responsável: Vera Nunes (MTb 6198)
Diagramação e projeto gráfico: Design de Maria
(www.designdemaria.com.br)

A CASA É DE VOCÊS. APROVEITEM!

É com muita emoção e gratidão que me despeço da Presidência do CELG no período de 2015/2017, satisfeita com o trabalho que realizamos.

Agradeço imensamente aos colegas de Diretoria — Betina Kruter, Daniel Spritzer, Fábio Wilhelms, Jussara Dal Zot, Lucas Lovato e Suzana Fortes —, figuras essenciais que tornaram mais agradável e bem-sucedida a missão de levar adiante nossa tarefa em um momento de crise no país. Aproveitamos a crise para crescer e criar, e isso é o que os relatórios desse período demonstram (financeiro, da Jornada, das atividades, das publicações, da divulgação, dos cursos desenvolvidos, etc...).

Foi uma gestão com muitas transformações, o que inspirou o tema da nossa XXVIII Jornada Sul-Rio-Grandense de Psiquiatria Dinâmica — Transformações na Psicoterapia, realizada em Canela, com mais de 600 inscritos e com retorno científico, financeiro e de integração significativos. Nossa gratidão à Helena Einloft e à equipe da Sala Hum Eventos pela dedicação e competência demonstradas na Jornada. Além desta e de outras atividades, como o Café do CELG e o Encontro com o Professor, e ainda cursos diversos e outras novidades, nossa Diretoria inovou realizando um planejamento estratégico com o Sr. Armando Gass, que analisou e debateu alguns processos internos, com a chancela da Dra. Nadine Clausell, Presidente do HCPA, a quem somos muito gratos.

Também somos muito gratos ao Departamento de Psiquiatria e Medicina Legal, aos Serviços de Psiquiatria, de Psiquiatria da Infância e da Adolescência e de Adição do HCPA, bem como a todos os professores colaboradores do CELG, por sua inestimável contribuição.

Agradeço também aos nossos funcionários Patrícia Azambuja, Cátia Silva e Maria Luiza Campos pela parceria de todas as horas.

Deixamos a casa organizada, com cores e piso renovados e uma nova galeria dos ex-presidentes para continuarmos a receber e acolher nossos sócios e demais colegas e alunos da Faculdade de Medicina que fazem dela seu lugar de estudo, supervisão e encontro.

A casa é de vocês, aproveitem!

Desejamos muito sucesso para a Presidente da gestão 2017/2019, Dra. Simone Hauck e seu time, na certeza que manterão vivo o espírito de inovação e integração que nos inspirou.

ANA MARGARETH SIQUEIRA BASSOLS
Presidente do CELG
Psiquiatra, psicanalista, professora do Departamento de Psiquiatria e Medicina Legal da UFRGS

PARCERIA, TECNOLOGIA E TRANSFORMAÇÃO

Ser convidado pra fazer parte da diretoria do CELG foi uma grande honra e um desafio maior ainda. Fiquei muito feliz quando a Ana me ligou. Definitivamente não era a melhor época da minha vida pra aceitar uma empreitada dessas, mas eu me empolgo demais com as coisas… Fazer o quê?

Nos dias que se seguiram a esse telefonema eu fiquei pensando muito sobre o que eu teria pra oferecer. Algumas ideias que surgiram aí foram a possibilidade de utilizar mais alguns recursos tecnológicos, de valorizar os associados mais jovens (eu e a Betina Kruter, junto com outros amigos, já tentávamos fazer isso desde a época do iCelg) e de criar atividades que refletissem a nova configuração e a diversidade do CELG.

Quando a gestão de fato começou, já estava claro que os principais desafios da Diretoria Científica seriam de fazer o CELG voltar a ser tão atraente para os associados e de manter o nível científico da Jornada Sul-Rio-Grandense de Psiquiatria Dinâmica. E esses desafios nos pareciam muito conectados.

Foi com esse espírito que nasceu o Café do CELG, idealizado pela Marília Santos e pela Juliana Azevedo, e o Encontro com o Professor, ideia da Ana Margareth. Com a colaboração de outros colegas muito queridos, também conseguimos organizar os cursos de Cronobiologia e Medicina do Sono, de Filosofia do Inconsciente e de Fenomenologia. Assim, foi possível oferecer aos associados atividades de educação continuada tanto em psicoterapia de orientação analítica como em psiquiatria clínica e também em pesquisa.

Aqui, queria destacar o trabalho muito integrado da Diretoria Científica com a Diretoria de Divulgação: foi incrível a parceria com a Betina nessas diversas atividades e também na Jornada do CELG.

A Jornada, por sua vez, já trouxe no nome um pouco do que queríamos: transformações. E isso se traduziu na "presença" de convidados nacionais e internacionais em aulas por vídeo, especialmente gravadas para o evento, no I Encontro Estadual das Ligas de Psiquiatria, nas apresentações-minuto e em uma série de outras atividades diferentes.

A fórmula, entretanto, era a mesma: trabalhar com colegas e amigos queridos; buscar integração de verdade, tanto no conteúdo como no formato das atividades; e tentar fazer com que todos se sentissem em casa. E com muita música, claro, como se fazia nas primeiras jornadas. Foi uma construção realmente coletiva, pensada e executada por mais de uma centena de pessoas muito envolvidas e interessadas em ver o CELG ocupando o seu espaço como a nossa "casa".

Foram dois anos de muito aprendizado e de uma oportunidade ímpar. Devo muito disso à confiança da Ana Margareth, à superparceria da Betina e dos demais colegas da Diretoria, e a todos os colegas e amigos que se envolveram nessa bela missão.

DANIEL SPRITZER
Psiquiatra. Psiquiatra da infância e adolescência. Coordenador do Grupo de Estudos sobre Adições Tecnológicas (GEAT). Diretor científico CELG 2015-2017

A DIRETORIA ADMINISTRATIVA DO (CELG) NOS ÚLTIMOS DOIS ANOS

A participação e divisão de responsabilidades na Diretoria foi uma oportunidade de retribuir, mesmo que singelamente, pelo muito que já recebi dos professores, colegas e amigos congregados pelo Centro de Estudos Luís Guedes. Sim, pois entre as características que mantêm nosso CELG vivo desde 1959, destaca-se a capacidade de conectar profissionais das mais diversas formações, o que dilata nossa capacidade para a complexa tarefa de compreender e abordar os fenômenos da mente e do comportamento, reconhecendo nossos alcances e limites.

Movidos pelo impulso do saber e do investigar, necessitamos de educação continuada responsável, prestada por profissionais de referência em suas respectivas áreas do saber. Assimilar conhecimento novo e ultrapassar conceitos muitas vezes arraigados mostra-se uma tarefa árdua, e, diversas vezes, a força moral para continuarmos nossa caminhada advém do valor de um relacionamento humano verdadeiro. Além disso, a vida associativa nos oferece exemplos consistentes de atuação pessoal e profissional, aspecto essencial em um país carente de bons modelos.

Houve momentos que ensejaram luta. No início da gestão, envidamos esforços para manter o diálogo com o Hospital de Clínicas de Porto Alegre. A compreensão do potencial de contribuição do CELG para a qualificação da formação profissional viabilizou a continuidade do bom relacionamento com o HCPA. No que respeita à solicitação de adequação de nosso estatuto ao da Associação Brasileira de Psiquiatria, buscamos adequar as necessárias modificações à vontade comum, primando pela democracia em nossa instituição. Tivemos, sem dúvida, um resultado profícuo.

Nesse período, buscamos manter o ambiente saudável e acolhedor, marca registrada do nosso Centro. Esperamos ter instigado os colegas a ampliar conhecimentos, trocar experiências e conviver saudavelmente — aspectos tão essenciais para atingirmos nosso verdadeiro potencial intelectual e emocional.

Pretendemos, através dos esforços envidados, ter contribuído para uma estrutura ainda melhor, para que o CELG, através de todos os seus sócios e colaboradores, continue apoiando profissionais gabaritados, com senso crítico e hábeis à disseminação do conhecimento dentro de sua área de atuação. Foi uma honra ter participado dessa jornada.

FÁBIO MONTANO WILHELMS

Médico Psiquiatra do Ministério Público do Estado do Rio Grande do Sul. Certificado de atuação em Psiquiatria Forense pela ABP/AMB. Especialização em Psiquiatria da Infância e da Adolescência pela UFRGS/HCPA

MISSÃO CUMPRIDA

A Diretoria de Publicações do Centro de Estudos Luís Guedes, gestão 2015/2017, manteve-se ativa e participante de todas atividades realizadas pelo CELG, especialmente a última Jornada Sul-Rio-Grandense de Psiquiatria Dinâmica, em Canela, 2016. Participamos da Comissão Científica da Jornada, coordenamos mesas, assistimos a cursos, enfim... Estivemos presente sempre que possível, e nos orgulhamos do sucesso desse empreendimento, como toda a Diretoria. Além disso, gostaríamos muito de agradecer às editoras da Revista Brasileira de Psicoterapia, Pricilla Braga Laskoski e Neusa Sica da Rocha, pelo empenho e a dedicação que tiveram nesses dois anos à frente da Revista. Foram publicados seis exemplares, 45 artigos no total, com textos provenientes de diferentes regiões do país, bem como de autores internacionais, o que evidencia que a abrangência de nossa Revista segue em movimentocrescente.

Além de trabalhos acerca de pesquisa, teoria e técnica psicoterápicas, disciplinas correlatas como filosofia e artes plásticas se fizeram presentes, contribuindo assim para a atualização e a diversificação das temáticas que podem auxiliar o psicoterapeuta em sua prática profissional. Agradecemos aos autores pela confiança em escolher a nossa Revista, aos revisores por seu trabalho minucioso e a colaboração de todos, secretárias e colaboradores gráficos, que permitiram a continuidade da Revista e o seu aprimoramento.

Anunciamos também que em janeiro deste ano solicitamos oficialmente a indexação para o Scielo, e estamos aguardando o retorno da avaliação. Ainda dentro de nossa Diretoria, gostaria muito de agradecer à nossa bibliotecária Maria Luiza Campos por sua imensa disponibilidade, auxiliando alunos e sócios do CELG nas pesquisas bibliográficas e cuidando da biblioteca com todo o carinho que ela merece. Nesse período foram adquiridos seis livros de Psiquiatria e Psicanálise, de várias temáticas, bem como todos os volumes atualmente disponíveis (doze) das *Obras Completas de Freud*, na nova tradução direta do alemão, da Companhia das Letras.

Finalizando, acreditamos ter cumprido com nossa missão, continuando o trabalho de gestões anteriores e dando as boas-vindas à próxima equipe, que certamente prosseguirá com o mesmo empenho. Desejamos sucesso e muito trabalho produtivo à nova direção do CELG!

JUSSARA S. DAL ZOT
Psiquiatra e Psicanalista (UFRGS e SPPA), Professora e Supervisora do Curso de Especialização em Psicoterapia de Orientação Analítica do CELG

QUALIDADE EM EDUCAÇÃO CONTINUADA: NOSSA MISSÃO

Revisando os estatutos do CELG desde sua fundação, em 22 de dezembro de 1959, pelos professores da então cátedra de clínica psiquiátrica da Faculdade de Medicina de Porto Alegre e pela primeira turma do Curso de Especialização em Psiquiatria da UFRGS, sua missão tem sido promover e estimular estudos (pesquisas) e publicações na área da Psiquiatria e especificamente em Psicoterapia. Desta forma, na presente gestão coordenada por Ana Margareth Bassols, foi realizado um trabalho em equipe e de grande parceria com as demais diretorias visando à qualificação de cursos e atividades de ensino com o objetivo de contribuir na educação continuada de seus sócios, e sempre buscando atender suas necessidades.

Utilizando um estilo geracional participativo envolvendo e valorizando os sócios, vários cursos de média e longa duração foram promovidos em áreas específicas da Clínica Psiquiátrica (Curso de Psicofarmacologia no Vale dos Sinos), assim como os já estabelecidos cursos de Psicoterapia (CEPOA, CEPOA Ext, CAPIA e TCC). Também em 2016 foi realizada uma nova edição do curso de Teorias do Caráter, coordenado por nosso colega e sócio Manuel Pires dos Santos. Sua primeira edição foi em 2007, sendo repetida nos dois anos seguintes. Como foi um curso com bastante procura, decidimos reeditá-lo no primeiro semestre de 2016. Foram abordados a formação e o desenvolvimento dos padrões de relacionamento de acordo com o tipo de caráter, assim como as técnicas da abordagem em psicoterapia de orientação psicanalítica. Dando continuidade à nossa meta de educação continuada e contribuição para o ensino da Psicoterapia, realizamos o Curso de Teoria e Técnica da supervisão no primeiro semestre de 2017, coordenado pela colega e sócia Patrícia Lago.

CURSOS NA ÁREA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA

Visando promover o estudo e o aprendizado dos fundamentos da teoria e técnica da Psicoterapia ao longo do desenvolvimento, foi concluído em 2016 o XIII Curso de Psicoterapia da Infância e Adolescência, e iniciada em 2017 a XIV turma desse mesmo curso, fundado em 1990 pela nossa colega e sócia Dra. Maria Lucrécia Scherer Zavaski.

Na área de Saúde Mental Materno-Infantil, contamos com o Curso de Observação de Bebês, coordenado e ministrado por nossa sócia e colaboradora Maristela Wenzel. Com um ano de duração, encontra-se em sua quarta edição em 2017, e tem por objetivo proporcionar ao profissional de Saúde Mental uma experiência teórico/prática da dupla mãe/bebê, aprofundando o conhecimento do desenvolvimento emocional primitivo e da linguagem pré-verbal presente nos vínculos afetivos iniciais.

Apesar de um número mais restrito de alunos inscritos nos cursos oferecidos na área de Psicoterapia da Infância e Adolescência, cabe ressaltar a importância de sua continuidade, considerando seu papel crucial na formação de profissionais na área da Saúde Mental Materno-Infantil e prevenção.

CURSOS NO INTERIOR

Por solicitação de colegas e sócios que atuam no interior do Estado e compartilhando a ideia de ampliar e divulgar nossa missão de educação continuada, foram realizados os seguintes cursos: Curso de Psicofarmacologia no Vale dos Sinos (2016), Curso de Extensão de Psicoterapia em Passo Fundo (2016) e Curso de Psicoterapia de Orientação Analítica em Pelotas. O curso ministrado em Pelotas foi iniciado como grupo de estudos, e a partir de 2016 vários professores do CEPOA contribuíram para a reprodução do primeiro ano do Curso de Psicoterapia, realizado quinzenalmente nos fins de semana. Estimulados com o resultado e entusiasmo dos alunos, decidiram dar continuidade, ministrando o segundo ano do Curso e proporcionando a possibilidade de supervisão coletiva e individual presencial e por Skype. Além disso, foi iniciada uma nova turma de primeiro ano, em 2017, seguindo as mesmas diretrizes. Essa experiência demonstra o crescente interesse de colegas pela qualidade de ensino prestado por nossa Instituição.

CENTRO DE ATENDIMENTO DE PSICOTERAPIA

Uma das atribuições da Diretoria de Ensino é o gerenciamento do Centro de Atendimento de Psicoterapia (CAP) do CELG, com o auxílio de residentes de Psicoterapia que realizam a triagem e o encaminhamento de pacientes para terapeutas-sócios que realizam cursos no CELG e participam do CAP. Cabe ressaltar mudanças realizadas na triagem de pacientes para o CAP, com diminuição do tempo entre o contato do paciente com a Instituição e seu encaminhamento para o terapeuta disponível, agilizando assim o início do tratamento.

Concluindo, acredito que nosso trabalho durante a gestão 2015/2017 se caracterizou pela integração entre as várias diretorias seguindo princípios básicos, como o contato permanente com os sócios através de um relacionamento ético e transparente e a busca pela qualidade dos cursos e das atividades.

SUZANA FORTES

Psiquiatra(UFRGS) Psicanalista (SPPA)

MPH e Doutorado em Saúde Pública (University of Illinois,Chicago,USA)

Coordenadora do Programa de Residência Médica em Psiquiatria da Infância e Adolêscencia do HPSP

Professora e Supervisora do CEPOA e CAPIA (CELG)

BLACK MIRROR
O ESPELHO NEGRO DA SOCIEDADE

Sexta-feira, fim de tarde. Saindo do carro, escuto o gentil motorista falar, enquanto acessa o seu celular: "Pronto, cinco estrelas para ti, Fabiana". Ao que eu respondo, quase sem pensar, pois completamente imersa na internet do meu smartphone: "Para ti também!". Segundos depois, surpresa com a minha própria reação, eu me perguntava por que havia respondido daquela maneira. Eu já sabia que não eram apenas os clientes que avaliavam os condutores daquele serviço de motorista particular, mas a situação me pareceu tão bizarra quanto o primeiro episódio da terceira temporada de *Black Mirror*. Sob o título de "Nosedive", que foi traduzido no Brasil por "Queda livre", desenrola-se uma história em que personagens utilizam seus celulares para avaliar seus contatos interpessoais. Mesmo um breve encontro no elevador transforma-se em uma oportunidade de receber uma boa pontuação, aumentar seu escore e, consequentemente, seu *status* social. E lá estava eu entrando nesse jogo social quase sem me dar conta.

Black Mirror, segundo seu criador, Charlie Brooker, é o espelho negro que encontramos nas telas de TV, monitores e smartphones quando desligados. A intenção é fazer uma crítica aos possíveis efeitos colaterais da tecnologia sobre a sociedade. O que nos faz pensar, por outro lado, que esse potencial danoso existe precisamente devido a uma demanda da própria sociedade. Então, não seria o espelho negro um reflexo do nosso lado mais obscuro? Um lado que evitamos mostrar, e talvez até enxergar, por retratar nossas frustrações, futilidades e perversões?

Entre cenários futurísticos, computadores superavançados, viagens a universos paralelos, inteligência artificial, nos deparamos com o medo da perda, a inconformidade com a morte, o preconceito, a vingança, o voyeurismo, a manipulação em massa, e outros temas tão humanos. No seriado, eles são apresentados de forma intensamente impactante, obrigando-nos a refletir sobre o nosso presente e os caminhos que poderemos tomar no futuro como civilização.

FABIANA RITTER
Médica Psiquiatra pela UFRGS/HCPA
Psiquiatra da Infância e da Adolescência
Membro aspirante da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre

Recentemente, ouvi no rádio um comentário sobre o "jogo da baleia azul". A jornalista, muito chocada com as informações divulgadas a respeito, dizia: "isso é muito *Black Mirror*". A série já faz tanto sucesso no mundo que tornou-se quase um adjetivo. E realmente, o episódio "Shut up and dance" (ou "Manda quem pode", no Brasil), da terceira temporada, parece ser uma profecia macabra do jogo. Na história, um adolescente é convocado, através de mensagens, a realizar missões que o levam a arriscar-se. Na vida real, nos deparamos com esse "jogo" sinistro, em que adolescentes são coagidos, também através de mensagens, a executar tarefas diárias, sob a ameaça de ter sua família e amigos prejudicados. A última tarefa e desfecho final é o suicídio do próprio participante. Há suspeita de que tenha sido iniciado a partir de uma "*fake news*" na Rússia, mas aparentemente tornou-se real na medida em que a notícia foi se espalhando.

De maneira análoga, é possível identificar a temática das guerras e dos refugiados quando assistimos ao soldado do exército lutando contra seres que ele enxerga como sendo portadores de uma grave doença geneticamente transmissível em "Engenharia reversa". Como parte de seu treinamento, os soldados recebiam um chip que era neles implantado com o pretexto de auxiliar tecnologicamente no combate. Mas ao longo do episódio percebemos que o dispositivo funciona alterando a percepção do seu usuário, distorcendo os seus sentidos. Apesar de tão atuais, não seriam temas estes que se repetem ao longo da história em tempos e cenários diferentes? Assim, podemos pensar que o soldado alemão que conduzia os judeus para o campo de concentração talvez os enxergasse da mesma maneira com que o soldado americano enxergava aqueles humanos desfigurados, os quais chamava de "baratas". Entretanto, em vez de ter um chip implantado pelo governo para mascarar a realidade, o soldado alemão era controlado por outro tipo de manipulação que visava o domínio alienante da produção de pensamento, resultando no mesmo efeito.

Podemos especular que a série tenha alcançado tamanha abrangência justamente por injetar elementos atemporais, representantes de desejos e conteúdos primitivos universais, em diferentes contextos fictícios, causando um impacto de terror e fascínio ao mesmo tempo. Freud, em 1919, no texto "O estranho", já percebia que esse tipo de trama, ao mesmo tempo em que

nos causa uma atração, também nos provoca uma sensação de estranhamento, precisamente por nos colocar diante de algo que nos é familiar, pois já esteve presente nas nossas vidas, mas precisou ser censurado. Ao nos depararmos com a obra, estaríamos ao mesmo tempo vivenciando a situação proibida e elaborando a sua impossibilidade.

E talvez essa seja uma das funções da realidade virtual nas nossas vidas: a realização imaterial das fantasias humanas. Afinal, nas redes sociais é possível criar perfis falsos e se relacionar com outros perfis, falsos ou não, de maneira relativamente "segura" — assim como nos jogos eletrônicos, em que se pode assumir a identidade de vilões ou heróis, homens ou mulheres, criando novos mundos e novas experiências que não seriam possíveis na realidade. Castells, um sociólogo espanhol, em entrevista à revista Época em 2013, explicou que para ele a prática social da internet pode ser considerada uma extensão da vida como ela é. Assim, acredita que vivemos num mundo híbrido, que não pode ser mais dividido entre real ou virtual.

Essa visão vai ao encontro com a de outros filósofos contemporâneos que entendem que a evolução tecnológica modificou tanto a forma e a velocidade com que lidamos com a informação e com os seus veículos (e, acrescento, com nossos pares), que atualmente vivemos imersos no virtual. Jean Baudrillard, um filósofo francês que estuda o tema, é mais radical ao propor que hoje vivemos em simulacros. Para ele não há mais possibilidade de distinção entre os espaços do real e do irreal, pois todas as representações que temos do mundo foram transformadas pelo virtual.

Narrativas que transitam entre o real e o virtual, como *Black Mirror*, nos ajudam a compreender a nossa própria experiência subjetiva e o mundo em que vivemos na atualidade. Isso inclui a possibilidade de imaginar-se eterno, como em "San Junipero", episódio em que as consciências das personagens são preservadas em chips para que elas possam continuar existindo num mundo sem matéria.

Se em 1927, quando Freud escreveu "O futuro de uma ilusão", já existissem os atuais avanços tecnológicos, talvez ele tivesse previsto que uma alternativa à alienação imposta pela (e procurada na) religião poderia ser justamente o mundo virtual. Penso que essa é a maior crítica que a série faz: a possibilidade de satisfação de nossas fantasias na virtualidade contém inevitavelmente o risco de alienação da realidade material.

Black Mirror é uma distopia. É horror e também poesia. Há os que não o toleram. Mas também há os apaixonados. É verdade que em sua maioria, os episódios nos trazem uma falta de esperança na humanidade. Por outro lado, a possibilidade de nos colocar diante de nós mesmos conduz ao desafio de nos pensarmos como parte desta sociedade, que tanto criticamos.

BIBLIOGRAFIA

Baudrillard, J. (1991). Simulacros e simulação. Lisboa, Portugal, Relógio d'Água.

Freud, S. (1919). O estranho. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Editora Imago LTDA. XVII.

Freud, S. (1927). O futuro de uma ilusão. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora LTDA. Volume XXI: 12-71.

LION — UMA JORNADA PARA CASA

A CRIANÇA QUE FUI CHORA NA ESTRADA. DEIXEI-A ALI QUANDO VIM SER QUEM SOU; MAS HOJE, VENDO QUE O QUE SOU É NADA, QUERO IR BUSCAR QUEM FUI ONDE FICOU.

Baseado numa história real, *Lion* é um belo filme sobre a trajetória de um menino indiano de cinco anos de idade que se perde de sua família. Tendo recebido algumas indicações ao Oscar, inclusive a de melhor filme, conta de maneira tocante a trajetória de Saroo, que, perdendo-se do irmão, acaba vivendo nas ruas até ser adotado por uma família australiana. Ao sair de casa uma noite à procura de trabalho com o irmão mais velho, Saroo acaba embarcando em um trem e indo parar a milhares de quilômetros de sua cidade natal. Começa nesse momento a história de superação do menino para sobreviver, física e psiquicamente, nas ruas de uma grande cidade. Vale mencionar o trabalho do jovem ator, que consegue tocar o expectador, transmitindo através de seu olhar e de suas atitudes os sentimentos e as dificuldades pelas quais ele passou.

Antes de se perder, Saroo morava com a mãe, a irmã e o irmão mais velho em uma condição de extrema pobreza financeira — pobreza essa contrastada pela aparente riqueza afetiva com a mãe e, especialmente, com o irmão. O pai não aparece na história, com sua função ficando a cargo de Gudu, o irmão mais velho. A relação com esse irmão e a mãe parece criar para Saroo uma fonte de amparo e segurança interna da qual ele faz uso enquanto está perdido à procura da família.

Por um bom tempo o menino transita perdido pelas ruas de Calcutá até ser encaminhado a um orfanato. De lá, ele acaba indo para Tasmânia e é adotado por um casal sem filhos. Parece que, à medida que ele vai se distanciando de sua cidade natal, lacunas vão se estabelecendo em suas memórias, em suas representações internas, dificultando sua comunicação e identificação. Isso acaba explicitado na confusão de linguagem que ele faz em relação ao seu nome e ao de sua cidade natal.

A mãe adotiva também tinha passado, em sua infância, por uma situação traumática com seu pai. Isso parece tê-la motivado, em uma tentativa de reparação na vida adulta, a adotar crianças órfãs. Parece que,

apesar das tentativas de evitar o traumático, ele acaba retornando à vida desse menino de diversas maneiras — até mesmo através da chegada de um irmão adotivo bastante doente. Após um breve relato sobre a vida de Saroo com essa nova família, a história dá um salto de vinte anos. O filme nos mostra, mais uma vez, que lacunas ficaram sem ser preenchidas na história do garoto. Nesse momento, Saroo novamente se afastará de outra família, dessa vez para estudar.

Vale ressaltar a cena em que Saroo está em um restaurante com seus pais preparando a despedida. A mãe mostra-se preocupada com a saída do filho de casa, mas ele trata a situação como se fosse algo corriqueiro, sem maiores efeitos. No entanto, ao ingressar na faculdade, ele entra em contato com colegas indianos e com uma situação afetivamente carregada que o faz lembrar-se do irmão biológico. Nesse momento, ele consegue contar aos seus colegas e à namorada sobre sua história, e inicia aí, para Saroo, uma jornada em busca de seu passado.

Ah, como hei-de encontrá-lo? Quem errou
A vinda tem a regressão errada.
Já não sei de onde vim nem onde estou.
De o não saber, minha alma está parada.

Parece que toda a vivência traumática "aparentemente" esquecida volta com sua força total para tomar conta da vida e dos sonhos de Saroo. No seu caso, a nova separação de uma família, o contato com pessoas e costumes de sua origem e a necessidade de busca de representação para lacunas em sua história fazem com que toda situação traumática aflore à procura de respostas, reconstruções e construções.

Saroo traça um plano para reencontrar sua família e suas origens. Após calcular, equivocadamente, a distância com que havia se afastado de casa, começa uma procura através de mapas de seu país de origem.

Se ao menos atingir neste lugar
Um alto monte, de onde possa enfim
O que esqueci, olhando-o, relembrar,

É tocante o desligamento que ele faz do restante de sua vida no momento em que está em busca do perdido. Isso é mostrado na relação com a namorada, que parece ser a força que o tenta puxar de volta à vida. Já esgotado pela procura, quase desistindo de seu plano, vem uma cena que pode nos fazer pensar. Já sem esperanças, procurando no mapa que havia montado, uma noite ele resolve ir além do perímetro traçado. A cena mostra Saroo indo adiante da linha tracejada que ele havia estabelecido como limite para sua procura. Nesse momento, podemos imaginar a linha como a barreira consciente/inconsciente. Indo mais além, na área desconhecida, na área "inconsciente" das origens procuradas, ele consegue encontrar sua resposta.

A partir desse momento, muda o clima do filme. Saroo parece se reencontrar, voltando a ser a pessoa que era antes do ressurgimento do traumático. Consegue se reaproximar de seus pais adotivos e explicar-lhes seu plano. Tenta também se aproximar do irmão adotivo e parte em uma viagem à procura de sua cidade e sua família.

O que Saroo encontra lá merece ser visto no filme. No entanto, a beleza de toda narrativa é o fato de ela mostrar a necessidade da construção/reconstrução de uma história. *Lion* nos mostra que parece impossível se viver (e não somente sobreviver) com áreas de lacunas de representação. Em algum momento da vida esse vazio virá bater à porta demandando trabalho psíquico para o preenchimento dos buracos deixados pelo traumático.

O trauma tem para cada indivíduo um significado particular, pois cada pessoa tem sua estrutura única,

formada a partir de uma base biológica, uma história específica e em que a experiência traumática se insere em conexão com os objetos e as relações objetais pré-existentes em seu mundo interno. Transpondo para o nosso trabalho, vivenciamos a possibilidade de acesso a conteúdos inconscientes dos pacientes, buscando um caminho para irmos em busca de uma possível ressignificação das vivências traumáticas, aguardando o tempo e o momento nos quais isso se torna possível. Diversas podem ser as maneiras de se atingir esse objetivo. Desde uma viagem à Índia, como no caso de Saroo, até uma viagem ao interior de nós mesmos em um consultório psicoterápico. Mesmo que não se consiga recuperar tudo, a viagem vale a pena pela beleza do caminho que percorremos ao nos reencontrarmos com nossa história.

Na ausência, ao menos, saberei de mim,
E, ao ver-me tal qual fui ao longe, achar
Em mim um pouco de quando era assim.
(Poema de Fernando Pessoa —
A criança que fui chora na estrada).

FERNANDA CRESTANA
Psiquiatra, especialista em psicoterapia da infância e adolescência pelo Ceapia. Especialista em psicoterapia de orientação analítica pelo Celg. Membro aspirante do Instituto de psicanálise da SPPA

TIAGO CRESTANA
Psiquiatra. Especialista em psicoterapia de orientação analítica pelo Celg Membro graduado do Instituto de psicanálise da SPPA. Professor do CEPOA – Celg

"IMAGINEI ESSES SONHOS. ME LEMBREI DO NÃO-SABER."[1]

SE (COMO NO CRÁTILO AFIRMAVA O GREGO)
O NOME É O ARQUÉTIPO DA COISA,
EM SUAS LETRAS ROSA *TEM A ROSA*
E NA PALAVRA NILO *CABE O NILO.*
(BORGES, 1958)

O que há com as palavras, que têm uma ação tão "concreta" em nós?

Há bastante tempo eu tinha, na "pilha" da mesinha de cabeceira, um livro para ser lido. Já lera e me emocionara profundamente com outros textos do mesmo autor, mas olhar para aquele livro me gerava temor, por razões que até agora não consigo definir. Um respeito temeroso. Minha experiência com outros escritos de Guimarães Rosa sempre fora muito forte, de um impacto que os fazia (e segue fazendo) reverberar, multiplicar-se em mim. Talvez por isso? Se textos menores me "faziam" tanto, o que esperar deste "grande" e tão valorizado livro, *Grande Sertão: Veredas*?

A história, de certa forma, eu já "conhecia". O que me fazia evitar essa leitura que eu também queria tanto? Hoje, depois de tê-lo lido, ainda não sei responder. Mas sou mais capaz de compreender meu temor. A força com que a história me tomou acredito que corresponda ao temor que me afastava da leitura. E esta força, depois da leitura concluída, me fez pensar no poder das palavras. "Depois" porque, como diz o próprio Riobaldo, contador da história: *"Eu atravesso as coisas – e no meio da travessia não vejo! – só estava era entretido na ideia dos lugares de saída e de chegada."* (p. 26)

Seriam as palavras ou a linguagem que constituem, na especificidade do uso, das relações entre elas que o gênio do autor cria? É uma linguagem diferente, que exige de nós uma mudança de perspectiva, uma tolerância à desorganização dos padrões habituais que usamos para escutar, ler, escrever. Para pensar. E não me parece que aconteçam erros gramaticais, isso é um dos "incríveis" dos textos de Guimarães Rosa (*"Podia ser? Impossivelmente.",* p. 521) e, certamente, deste livro. "*Conservava em si um estatuto tão diverso de proceder, que todos a ele respeitavam*", diz Riobaldo (p. 57). Talvez ele mesmo me aproxime de alguma possibilidade de entendimento do meu temor, confirmado ao longo da leitura: *"O sério é isto, da estória toda – por isso foi que a estória eu lhe contei -: eu não sentia nada. Só uma transformação, pesável. Muita coisa importante falta nome."* (p. 92).

Grande Sertão. Para Riobaldo, *"Sertão é isto: o senhor empurra para trás, mas de repente ele volta a rodear o senhor dos lados. Sertão é quando menos se espera; digo."* (p. 249). E *"Sertão é o sozinho. (...) Sertão é dentro da gente."* (p.271)

E veredas? Encontrei mais de um significado para a palavra nos dicionários. Desde "caminho estreito, senda", "atalho"; passando por um sentido figurativo, "rumo, caminho, direção", "ocasião, momento, oportunidade"; até um sentido brasileiro, "clareira de vegetação rasteira", "cabeceira e curso de água orlados de buritis, especialmente na zona são-franciscana" (de Holanda Ferreira, p. 1766). A região onde acontece o livro. E existe, ainda, um sentido bíblico, também ligado a caminho (rumo a Deus).

Penso que o que diz Riobaldo sobre este sertão que está sempre nos surpreendendo, que é o sozinho e o dentro da gente, me encorajou a admitir percorrer uma vereda, acredito que não a única nem a mais importante, mas também "acontecida" em mim quando deixei o livro-sertão para trás e me vi rodeada por ele. Talvez gerada ou geradora do impacto da pergunta-perplexidade inicial (o que há com as palavras?...). E que me remete à nossa difícil-fascinante profissão de "curadores pela fala", como definiu tanto tempo atrás uma paciente tornada fundadora, por Freud, de nossa disciplina.

À medida que se foi percebendo a complexidade do

1 Grande Sertão: Veredas. Guimarães Rosa, p. 251.

encontro paciente-terapeuta, foi-se consolidando a noção de que algo além das palavras constitui o campo de nosso trabalho e tem efeitos terapêuticos (ou não) efetivos. O estudo destes aspectos tem produzido um enriquecimento de nosso conhecimento e reflete-se em nossa técnica. Questionamentos sobre a importância/necessidade da interpretação verbal têm complexizado e ampliado nossa possibilidade de escuta, reflexão e busca de melhor acessar, compreender, ajudar nossos pacientes. Algumas vezes às custas de um certo questionamento da necessidade das palavras no processo. Esse complexo e fascinante tema, que exige e produz estudos muito úteis para nossa prática, tem me interessado particularmente, me intrigado e instigado. Sinto que, da leitura deste enorme livro, esta vertente que pensa meu encontro com os pacientes foi um dos fortes desdobramentos.

O livro é feito do relato que faz Riobaldo a um homem que o escuta, um homem a quem diz: *"Mas o senhor é homem sobrevindo, sensato, fiel como papel, o senhor me ouve pensa e repensa, e rediz, então me ajuda. Assim, é como conto. Antes conto as coisas que formaram passado para mim com mais pertença. Vou lhe falar. Lhe falo do sertão. Do que não sei."* (p. 84) E: *"Assim eu acho, assim é que eu conto. O senhor é bondoso de me ouvir. Tem horas antigas que ficaram muito mais perto da gente do que outras, de recente data."* (p. 82) E explica sua motivação para contar: *"Eu queria decifrar as coisas que são importantes. E estou contando não é a vida de sertanejo, seja se for jagunço, mas a matéria vertente. Queria entender do medo e da coragem, e da gã que empurra a gente para fazer tantos atos, dar corpo ao suceder."* (p. 83). Diz: *"Meu coração é que entende, ajuda minha ideia a requerer e traçar."* (p. 271).

Narrando sua história, Riobaldo nos abre um mundo que nos remete ao nosso, que se torna nosso. *"Porque a cabeça da gente é uma só, e as coisas que há e que estão para haver são demais de muitas, muito maiores diferentes, e a gente tem de necessitar de aumentar a cabeça, para o que produz os ventos."* (p. 272). E aumenta sua cabeça com palavras, palavras que carregam tanto sentido (*"... mas Diadorim é a minha neblina..."*, p.16), que criam tanto sentido. Ditas para este homem *"... que quer é tirar instantâneo das coisas, aproximar a natureza."* Mesmo reconhecendo quanto acontece neste encontro, poder dizer a quem escuta é, para mim, um dos fatores , senão o principal, curativos de nosso trabalho. Porque ajuda o que fala a se ouvir. E a prestar atenção no que pensa, no que entende: *"Em desde aquele tempo, eu já achava que a vida da gente vai em erros, como um relato sem pés nem cabeça, por falta de sisudez e alegria*." (p. 212). E de alguém que escute, que *ouça pense e repense, e rediga, então ajude?* Penso que não devemos negligenciar as palavras em nosso cotidiano com nossos pacientes. Talvez tenhamos que repensar, recontextualizar o que consideramos interpretação, na medida em que não acreditamos mais no analista que sabe e traduz este saber para o paciente. Penso que a experiência de "escutar" as palavras de Guimarães Rosa na voz de Riobaldo, o impacto desta realidade que repercute e tudo transforma, me fez lembrar do lugar da palavra em nossos encontros com os pacientes. Com a responsabilidade que temos nisso.

Relendo o que escrevi, percebo que fui usando as palavras que li numa ordem muito peculiar, minha. *"E era a pura mentira. Mas podia ser verdade."* (p. 536). Acredito que é isso que resulta de nossos esforços conjuntos com os pacientes em busca do sentido específico para eles de sua própria vida: um texto peculiar, onde as palavras formam o significado que precisam ter, aquele que faz sentido para aquele indivíduo. A construção de uma linguagem própria que possibilita às relações acontecerem.

"Porque aprender-a-viver é que é o viver, mesmo." (p. 518). Por isso recomendo a leitura deste livro essencial.

ENEIDA IANKILEVICH
Médica psiquiatra (UFRGS), psicanalista (SPPA), psicanalista de crianças e adolescentes (SPPA), membro efetivo do CELG, professora do CEPOA e CAPIA.

VISIBILIDADE, INTERAÇÃO E AUTONOMIA **SOLIDIFICAM A IMAGEM DO CELG**

Final de gestão e a missão de escrever um relatório sobre o que se passou na Diretoria de Divulgação e relações com a comunidade. Tarefa boa poder pensar sobre quão gratificante foi trabalhar nessa instituição que é um dos meus "lares", junto com um time coeso e livre que nos levou a poder criar e trabalhar com muita autonomia. A Diretoria Científica, na pessoa do Daniel Spritzer, contribuiu enormemente para o êxito da divulgação; foi um trabalho realizado praticamente em dupla — uma boa dupla de trabalho. Resultado foram as diversas atividades iniciadas nessa gestão. A Jornada que foi um sucesso. E a felicidade de passar o bastão para a próxima diretoria com a certeza de ver o CELG num momento muito bom.

A Diretoria de Divulgação tem como responsabilidades o Jornal e as divulgações gerais: o mailing, o site, o Facebook e o Instagram. Nessa gestão optamos por investir bastante em divulgação via Facebook. Até então o CELG tinha um perfil no Facebook de pessoa física e se tornou uma página, e tem sido uma importante ferramenta de divulgação e contato com os sócios e não sócios usuários das redes sociais. Hoje temos 1.400 pessoas acompanhando as postagens. A cada atividade foram criados os chamados "eventos" do Facebook, que ajudaram na divulgação, trazendo visibilidade, interação entre a instituição e os participantes. Até o momento não houve investimento financeiro nas postagens no Facebook e houve grande repercussão.

No Jornal, trabalhamos eu, a Candice Campos, a Mariana Almeida, juntamente com a jornalista Vera Nunes. Manteve-se a opção do jornal impresso, com periodicidade semestral, e assim se tornou mais voltado para artigos diversos, e não tanto informando sobre eventos e acontecimentos. O Facebook e o mailing assumiram esse papel.

É uma boa oportunidade para agradecer a contribuição de todos os autores dos artigos dos números publicados durante essa gestão; sem a contribuição de vocês o nosso jornal não seria o nosso jornal.

Agradeço também à equipe do CELG: Patrícia Azambuja, Catia Silva e Maria Luiza Campos, que completa o nosso trabalho.

E se não curtiu a página do Facebook ainda, vai lá e curte!

BETINA KRUTER
Psiquiatra. Membro aspirante da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre . Diretora de Divulgação e Relações com a Comunidade – Gestão 2015-2017

NOVA DIRETORIA **TOMA POSSE**

Neste espaço reservado para a apresentação da Nova Diretoria do CELG, que ficará à frente da entidade na gestão 2017-2019, aproveitamos para dar as boas-vindas e desejar muitas realizações à nova direção. Retomando as palavras da presidente Ana Margareth Siqueira Bassols, desejamos sucesso "na certeza que manterão vivo o espírito de inovação e integração que nos inspirou". Sejam bem-vindos!

DRA. SIMONE HAUCK
Presidente

Psiquiatra, mestre e doutora em Psiquiatria pela UFRGS, especialista em psicoterapia psicanalítica, professora do Departamento de Psiquiatria da UFRGS, professora do Curso de Especialização em Psicoterapia de Orientação Analítica do CELG, professora do Pós-graduação em Psiquiatria e Ciências do comportamento da UFRGS, preceptora da residência em psiquiatria e coordenadora do ambulatório de triagem de psicoterapia do HCPA.

DR. FÉLIX HENRIQUE PAIM KESSLER
Diretor Administrativo

Psiquiatra, PhD, Professor do Departamento de Psiquiatria e Medicina Legal e Pós-graduação em Psiquiatria e Ciências do Comportamento da UFRGS. Coordenador do Núcleo de Pesquisa Clínico-biológica do Centro de Pesquisa em Álcool e Drogas do HCPA. Membro da Câmara Técnica de Psiquiatria do CREMERS.

DR. IVES CAVALCANTE PASSOS
Diretor de Ensino

Professor Adjunto do Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Psiquiatria e Ciências do Comportamento da UFRGS. Pesquisador do Laboratório de Psiquiatria Molecular da UFRGS.

DRA. PATRÍCIA FABRÍCIO LAGO
Diretora Científica

Psiquiatra, membro da APRS e da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre. Professora e supervisora nos Cursos de Psicoterapia de Orientação Analítica do CELG, professora e coordenadora executiva do Curso de Supervisão do CELG.
Professora e supervisora no ESIPP. Diretora Científica do CELG 2007-2009; 2009-2011; Diretora Social e de Divulgação, 2011-2013.

DRA. CLARICE KOWACS
Diretora de Divulgação e Relações com a Comunidade

Psiquiatra, membro da Associação de Psiquiatria do Rio Grande do Sul e da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre. Professora e supervisora no Curso de Psicoterapia de Orientação Analítica do CELG. Diretora Social e de Divulgação do CELG de 2007 a 2009.

DRA. STEFANIA PIGATTO TECHE
Diretora de Publicações

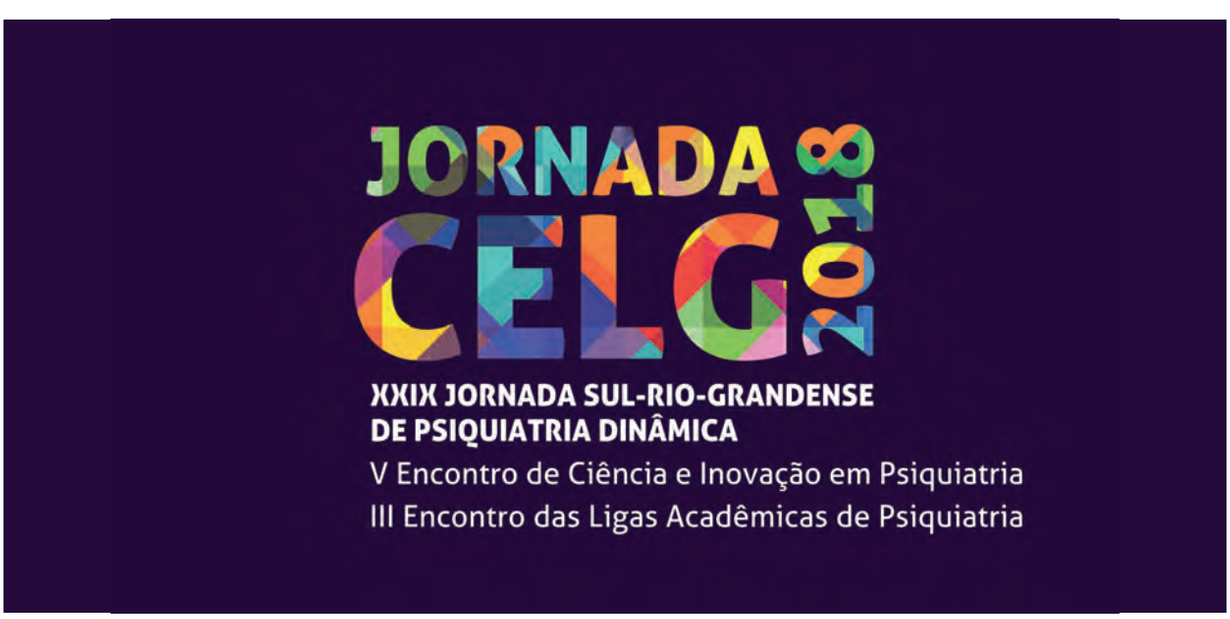
Médica Psiquiatra, especialista em Psicoterapia de Orientação Analítica, Mestre em Psiquiatria pela UFRGS (2013), Foi Membro de corpo editorial da Revista Brasileira de Psicoterapia (2013 a 2015). Médica Contratada do Serviço de Psiquiatria do Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA)

DR. LUCAS MAYNARD LOVATO
Diretor Financeiro

Psiquiatra, Mestre em Psiquiatria pela UFRGS , Contratado do Serviço de Psiquiatria do Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA)

MOMENTO INTEGRAÇÃO: **COQUETEL DA TROCA DA DIRETORIA**

A despedida da atual Diretoria e a chegada da nova foi marcada por um coquetel que reuniu os colegas que fizeram, fazem e farão a história do CELG. Um momento de abraços, sorrisos e confraternização, mas especialmente um momento de celebrar o caminho percorrido até agora, e de desejar sucesso e realização sempre

SAVE THE DATE: **2018**

Prepare-se para 2018: XXIX Jornada Sul-Rio- Grandense de Psiquiatria Dinâmica com a presença do **Prof. Dr. Glen O. Gabbard**. 30 de agosto a 1º de setembro de 2018 – Canela.